

Editorial

Prezado(a) Leitor(a),

Temos a satisfação de apresentar esse número da *Revista de Psicanálise da SPPA*, que inaugura o ano temático *O novo mal-estar da civilização* e será completado pelos números *Repercussões na técnica* e *Elaborações*, em breve publicados. O fluxo contínuo de publicações, adotado por nosso periódico, permitiu que os artigos fossem disponibilizados de forma *on-line* tão logo ficassem prontos. Dessa forma, ao longo do ano antecipadamente temos ofertado ao leitor os trabalhos que virão a compor os três números.

Em *O mal-estar da civilização* (1929), Freud ressalta que, conjuntamente à supremacia da natureza e à caducidade de nosso corpo, a *insuficiência de nossos métodos para regular as relações humanas em família, no Estado e na sociedade* determinam o contínuo, e talvez inalcançável, trabalho do homem para ser feliz. Acima de tudo, ele interroga o quanto de nossa natureza psíquica encontra-se infiltrada nas instituições sociais, influenciando na sua estruturação. Freud não se furtou ao trabalho de tentar integrar os recursos científicos e fazer trabalhar a teoria psicanalítica no auxílio às incertezas, medos e perplexidades frente às transformações sociais e psíquicas nas quais a humanidade constitui agente tanto ativo quanto passivo.

O mundo contemporâneo brinda-nos com avanços tecnológicos surpreendentes e, em contraste, com retrocessos sociais e relacionais igualmente impactantes. Nunca dispomos de tantos recursos científicos para a abordagem de problemas em qualquer área do *habitar humano*, ao passo que os *mecanismos de cisão* são reinantes. Eles nutrem o fanatismo nas mais variadas instâncias do viver relacional, tendo a *violência* como regra. Parece existir uma robusta perda de referenciais em uma parcela considerável do *socius*, enquanto outra, vencida a desmentida, assiste atônita às notícias dos sintomas: ideologias primitivas e duras que se reforçam; ação desenfreada do homem levando à crescente e assustadora mudança climática; migrações em massa; intensificação do racismo e da misoginia; a aceleração da *vida*; a maximização de recursos e processos virtuais, etc. Além de precisarmos nos perguntar *para onde caminhamos*, teríamos que saber o que motiva esta perigosa caminhada. São ameaças reais, mas, ao serem descartáveis e substituíveis, parecem ser apenas fruto de um corriqueiro *excesso*. Percebe-se uma insegurança constante acompanhada de *vazio* de significado, quando a imaginação

Renato Moraes Lucas

e o sonho tendem a ser substituídos pela realidade concreta das situações noticiadas ou vividas.

A psicanálise contemporânea tem se esforçado em contribuir para a compreensão desse cenário, através da produção de conhecimento sobre a microscopia das relações primárias, dos níveis de representabilidade, da formação, deformação e divisão do Eu e do inconsciente, para conseguir alcançar o que os pacientes nos contam de seu mundo interno, que se atualiza na relação transferencial e em termos sociais. Ela não se fecha em seus conceitos, procurando dialogar com ciências afins, além de interrogar a sua prática clínica ao discutir os múltiplos aspectos da *ampliação* técnica ou até mesmo refletir sobre a sua prática social, como é possível verificar nos vários comitês da IPA dedicados a engajar a psicanálise nos fenômenos do mundo.

Nesse cenário ainda não cartografado, chegamos a 2020. Surge outra onda de excesso, e já não é possível vê-la como *notícia de alhures*. O invisível força, insiste em sua presença. Cisões tentam dar conta do inesperado e do impensado/impensável, não deixando de serem acompanhadas pelos danos/empobrecimentos psíquicos típicos dos funcionamentos primitivos. Múltiplas defesas secundárias são ativadas, mas todas trazendo a marca indelével do trauma. Trauma narcísico profundo sobre um homem com recursos de significação já prejudicados.

Com esse número, Disrupções, pretendemos trazer ao leitor um conjunto de artigos que venham a auxiliar a capacidade integrativa do pensamento psicanalítico para esses múltiplos mal-estares. *Fraturas, quebras, deflexões, rompimentos e rupturas* são sinônimos que expressam a trajetória do contemporâneo, seja em termos sociais ou psíquicos, um campo que a psicanálise, seguindo o legado de Freud, não pode abandonar.

No presente número, inicialmente prestamos uma afetuosa homenagem ao nosso colega Luiz Carlos Mabilde, cuja presença nos foi recentemente arrebatada de forma súbita e trágica. Sua longa e frutífera trajetória em nossa Sociedade, marcada por uma profunda ética profissional e virtuosidade como analista, professor e supervisor do instituto, servindo de modelo para gerações de analistas, será aqui lembrada e reconhecida pela publicação do artigo *Confidências e inconfidências na supervisão psicanalítica como convergência dos três modelos de formação*. Este trabalho, vencedor do *Psychoanalytic Training Today Award* conferido pela *International Psychoanalytical Association* (IPA) em 2021, atesta o refinamento de sua técnica supervisória, dotada de uma escuta multifacetada do inconsciente e de um investimento respeitoso e terno na pessoa do supervisionando. Agradecemos aos seus familiares por nos autorizarem a realizar esta publicação.

Compondo o tema em questão, começamos pelo artigo de Maria Elisabeth

Cimenti, que revisita o texto *O mal-estar na cultura* de Freud, ressaltando a sua profundidade metapsicológica, assim como a sua atualidade e diferenças quanto à realidade vigente em uma *possível percepção de Freud em relação ao irrepresentável*. A seguir, são apresentados artigos que buscam entender os *múltiplos mal-estares* presentes na atualidade. Ruggero Levy tece aproximações entre a psicanálise e a filosofia, em especial as ideias de Byung-Chul Han, destacando aspectos da cultura atual e as exigências sobre o sujeito contemporâneo. Mostra o efeito potencialmente traumático do *excesso de positividade* e do *fenômeno da pós-verdade* presentes na cultura atual. Em seguimento, José Carlos Calich, após estudar elementos da organização sociocultural na modernidade e pós-modernidade, argumenta sobre o crescente recurso ao uso da *pulsão de dominação como uma estratégia narcísica de sobrevivência* do sujeito. Nilton Bianchi busca entender a condição do sujeito fragmentado pela lógica da *pós-modernidade* e as questões decorrentes da *condição de um sujeito narcisista atravessado pelos ditames da cultura atual*. Apresentando e detalhando metapsicologicamente o conceito de *des-existir*, Carlos Gari Faria aborda-o como um processo transitório, de duração variada, no qual *o sujeito entra em um processo de falência como sujeito psíquico por desinvestimento*. Em seguida, Ignácio A. Paim Filho apresenta-nos um detalhamento do *disruptivo* em Freud, da teoria do *narcisismo* ao *advento da pulsão de morte*. Como agente disruptivo à Eros, poderá trazer *destinos tanáticos ou criativos*. Traça um paralelo temporal entre o *disruptivo da pandemia viral* e o *disruptivo da virulência do racismo*, mostrando como a situação de pandemia da Covid-19 trouxe à tona o racismo até então *silencioso e invisível*.

Viviane Sprinz Mondrzak centra o seu estudo no preconceito e no *pensamento fanático* como fenômenos decorrentes de *distúrbios nos processos do pensamento*, cujas causas são difíceis de estabelecer, ressaltando, contudo, a importância de *fatores socioculturais*. Carlos Augusto Ferrari Filho, a partir do papel civilizatório do *discurso* como elemento facilitador de acesso à realidade e à *construção do conhecimento*, discute como a *força do pensamento mágico* ou a *potência do desejo* podem, em situações de crise, *desconstruir a força reveladora da palavra pelo falseamento da verdade*. Celso Halperin estuda o *ressentimento* em suas *raízes psíquicas e sociais*. Apresenta-o como um mal-estar individual, oriundo de *uma ameaça à integração narcísica*, para então relacionar esta compreensão com o *ressentimento social*. A seguir, Cláudio Laks Eizirik e colegas buscam estudar o *fenômeno de mundos sobrepostos*, partindo dos acontecimentos decorrentes da situação da pandemia da Covid-19, onde teriam sido atualizadas as três fontes de sofrimento do homem, já descritas por Freud em 1929. Assim, situações *comuns à vida* do paciente e do analista são exemplificadas em várias situações clínicas

Renato Moraes Lucas

do presente de suas vidas, sustentando o articulador *incerteza – aquilo que se apresenta como o novo, o imprevisível* – de forma central no campo analítico e como elemento para o desenvolvimento da teoria psicanalítica.

Por fim, Carlos Marcírio Naumann Machado e colegas realizam uma leitura psicanalítica do personagem Coringa (Joker, 2019), apresentando-o como a manifestação caricata das *dimensões mais profundas do sujeito humano*, quando a *ideia de vingança* surge como *retribuição e compensação por traumas precoces* sobre o narcisismo. É possível que o filme e suas múltiplas concepções psicanalíticas, como aquela apresentada nesse artigo, possam auxiliar no encontro entre a cena psíquica, e sua história, e a cena social, no jogo dialético necessário para o estudo do mal-estar civilizatório.

Na esperança de que nossa tarefa tenha sido bem-sucedida, desejamos uma boa leitura.

Renato Moraes Lucas

Editor Chefe da *Revista de Psicanálise da SPPA*